



Foto: Ulises Fontana

FESTEIA XXII

Festival Internacional
de Teatro
de Tema Clássico
2021

Um futuro desejável: o XXII FESTEIA

É possível que, num improvável futuro, as ciências históricas venham a afirmar que 2020 nunca existiu. O ano inaugural da mais avassaladora pandemia da qual temos notícia na história contemporânea não deixou evidências que comprovem a sua veracidade: das mais relevantes competições desportivas (os jogos olímpicos) aos mais emblemáticos eventos culturais (o festival Eurovisão, sem ir mais longe), tudo terminou cancelado. A tragédia, este género que a teoria literária do século XX (Steiner, Williams, etc.) tratou de sepultar, saltou da tumba para aterrar na realidade. Um mundo que se acreditava pautado pelas liberdades individuais e pelos contornos subjetivos descobriu-se como corpo coletivo: um corpo enfermo, vulnerável, sujeito ao contágio, alijado da arbitrária ficção das fronteiras; o vírus chega aonde ele quiser, e ponto. Sartre, trágico como o Sísifo de Camus, cansou-se de afirmar que não há eu que não seja intersubjetivo. A responsabilidade individual propagada pelo existencialismo francês doutrina-nos para sermos responsáveis face aos demais: a minha ação e o meu pensamento reverberam nas múltiplas alteridades que me cercam. Usar a máscara tornou-se uma decisão moral e ética (com desdobramentos estéticos) que ultrapassa a autopreservação, porque, antes de mais, sinaliza o amor ao próximo. A máscara, símbolo primogênito do teatro e das teatralidades, incorporou-se à cotidiana dinâmica da existência. A existência possível, o *theatrum mundi*.

A comunhão entre o corpo que atua e o espetador (metonímia da sociedade e do mundo) que interage com a obra rememora, a cada performance, a pertença do teatro a um determinado modo de vida, marcado pelo desejo antropológico de conhecermo-nos como espécie. Cada espetáculo teatral *in situ* refunda, ontologicamente, a própria arte, porque recupera elementos rituais que rompem com a lógica (tão aborrecida) do cotidiano e que nos permitem transcender ou aspirar a ser melhores do que efetivamente somos. Claro está que o repertório clássico — a tragédia, a comédia, mas também as diversas outras materializações estéticas da mitologia — teve, tem e terá um papel incontornável na preservação do teatro como artefacto cultural (ou, para sermos mais usuais, como património). O mito, paideia e substrato dos imaginários, presta-se ora à construção de modelos exemplares, ora a servir como matéria-prima dos discursos subversivos.

Antígona, a heroína de Sófocles, enquadra-se na segunda categoria, a do enfrentamento ético e convicto. Oriunda do século V a.C., a personagem insiste em afirmar-se como nossa contemporânea. Será a miúda de facto um carácter atual e/ou atemporal ou será que, na verdade, o mundo que habitamos se foi tornando anacrónico pela insistência (teimosia?) em impor-nos visões monolíticas e totalitárias do real? A montagem de *Antígona* que o Thíasos propõe para o XXII FESTEIA, com tradução de Maria Helena Rocha Pereira e encenação de Ricardo Acácio, oferece uma nova oportunidade de pôr sobre a mesa essas sempre urgentes questões.

Outro grupo, dos de casa, que volta a participar do FESTEIA é o Coletivo Coimbra-B. Trata-se de uma companhia extremamente singular na sua aposta estética. Desde a sua estreia com *Kassandra* (2019), o Coimbra-B tem perseguido uma teatralidade contundente e intimista. Não renuncia ao ineditismo textual, ao flerte entre o teatro e a dança, nem ao contrabando entre o universo íntimo (a subjetividade contemporânea) e o mitológico (os imaginários herdados). Daí que o espetáculo que nos propõe para a presente edição, *A Psicose de Fedra* (escrito e encenado por Carlos Jesus), revise a biografia e a poética de um dos referentes da cena contemporânea: Sarah Kane. Nas palavras do Coletivo Coimbra-B, este tributo à genial criadora que nos abandonou tão prematuramente conta “uma história não de loucura, mas de enlouquecer, forjada à imagem do mito clássico”.

Assim como Sarah Kane se inspirou em Séneca para descender ao inframundo do desejo convertido em patologia, Heiner Müller também acabou por afirmar uma contemporaneidade (pós-dramaticidade?) que enfrenta o legado tradicional. Ténues são os fios que distanciam a reverência aos clássicos da necessidade de destroná-los, como num liberador parricídio. O grupo catalão Kamala Teatro traz-nos então uma original *Medeia*, um solo performativo que parte do texto de Müller (*Medeia material*) para desmontá-lo mediante diversos cruzamentos textuais. O espetáculo, catalisado pela criadora teatral Andreia Moreira, lança mão de múltiplos dispositivos visuais e performáticos para provocar-nos. E se fosse a guerra uma luta interior? E se Medeia fôssemos nós? E se o inimigo de Medeia fosse ela própria?

As propostas cénicas permeadas pelas grandes perguntas, tão caras ao ofício teatral, não terminam aqui. Celia Rodríguez García inaugura, no XXII FESTEIA, um ciclo de residências dramatúrgicas, apoiado pelo Programa

Erasmus+ da Comissão Europeia, que nos permitirá acompanhar, ao longo de três meses (entre julho e setembro), o processo de escrita de *El grito de la arpía*. A proposta da dramaturga tem como premissa contestar a recorrente associação entre a monstrosidade e o feminino, cara a uma tradição mitográfica prioritariamente criada e transmitida por autores varões. A criadora espanhola pretende, com este texto criado durante e especialmente para o FESTEIA, refletir sobre a necessidade de transcendência e de desmontagem do mito.

No cruzamento de linguagens (onde a teatralidade dialoga com as artes visuais) situa-se o trabalho que nos apresenta a artista brasileira Cristiana Nogueira. *Serena* é o título de uma ação performativa inspirada no episódio homérico do encantamento de Ulisses pelas sereias, aqueles seres cujo mistério reside na intersecção entre a sedução e a violência. Também aqui nos interessa confrontar a polissemia do mito (isto é, o cariz aberto das matrizes literárias, nos termos de Umberto Eco) com a problemática conversão, no plano social, dos arquétipos em estereótipos.

Mas a programação do XXII FESTEIA não estaria completa sem que reservássemos um espaço inteiramente dedicado à reflexão crítica. Retomamos, nesta edição, o *Colóquio Internacional Suscitar/ressuscitar os clássicos*. O desafio que lançámos aos investigadores e investigadoras participantes (oriundos de Portugal, Espanha, França, Hungria, Itália e Suíça) foi analisar a produção teatral ibérica e ibero-americana atual — deslocando o foco de atenção às criações dramatúrgicas sobre desejo e dissidência — à luz da receção clássica: que relações se podem estabelecer entre esse *corpus* e as novas mitografias?

O FESTEIA é uma das atividades de transferência e conhecimento aplicado levadas a cabo pelo projeto geral do CECH-UC, unidade apoiada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A nossa proposta, que se vem construindo há 23 verões, é aproximar o teatro de tema clássico e a sociedade, buscando, por um lado, fortalecer os vínculos entre a produção artística universitária e a cidade de Coimbra e, por outro, construir pontes com criadores e pensadores teatrais um pouco por todo o planeta.

Neste sentido, deixamos registado o nosso sincero agradecimento às diversas entidades apoiadoras e parceiras que tornam um festival (de modesta dotação orçamental) possível. São elas, em ordem alfabética: Câmara Municipal de Coimbra (Casa da Escrita); A Camponeza; Comissão Europeia (Programa Erasmus+); Dipartimento di Filologia e Critica delle

Letterature Antiche e Moderne (Università degli Studi di Siena); Escuela Superior de Arte Dramático de Castilla y León (FUESCYL); FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; TEUC – Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra; Vice-reitoria para a Cultura e Ciência Aberta da Universidade de Coimbra.

Agradecemos também ao público que dá sentido ao nosso festival. É verdade que este ano a presencialidade estará limitada pelas necessárias medidas sanitárias que o FESTEIA adotará em todas as suas atividades. Nada disto nos impedirá de celebrar o gozo estético que o teatro nos regala. Mais que segura, a atividade cultural, nos dias que correm, é urgente e necessária como construção poética de um futuro desejável.

Claudio Castro Filho

Presidente da Associação Promotora FESTEIA – Tema Clássico

Mitologias imprevisíveis e sexualidades dissidentes

II Colóquio Internacional Suscitar/ressuscitar os clássicos

29 e 30 de julho de 2021

Coordenação

Claudio Castro Filho (Universidade de Coimbra) e Paola Belomi (Universidade de Siena)

29 de julho | 11.00

Alessia Faiano (Universidade de Verona)

D. J. (1986), de Jerónimo López Mozo: el mito de Don Juan y la homosexualidad

Claudio Castro Filho (Universidade de Coimbra)

Tradición y disidencia en el teatro de Renata Carvalho: hacia una mitología trans

Antonio Miguel Morales (autor teatral)

Lesbos y Tánatos. Lesbianas y Memoria

Eszter Katona (Universidade de Szeged)

Dos dramas sobre «el amor oscuro». *La piedra oscura* de Alberto Conejero y *La anatomía de un vencejo* de Antonio Miguel Morales

30 de julho | 11:00

Gabriela Cordone (Universidade de Lausanne) & Marie Rosier

(Universidade de Lyon 2)

Maternidades lésbicas en el teatro en español: militancia y normalización

Javier Liñera (autor teatral)

Los cuerpos periféricos en el centro de la creación

Paola Bellomi (Universidade de Siena)

El triángulo rosa en el teatro concentracionario español actual

Antígona, de Sófocles

Associação Cultural Thíasos

Auditório Central Pastoral Paulo VI DARQUE,
Viana do Castelo: 12 setembro | 18:30 | ENTRADA: 2,5 €

Teatro de Bolso do TEUC
19 setembro | 19:00 | ENTRADA LIVRE



Texto: **Sófocles**

Tradução: **Maria Helena da Rocha Pereira**

Adaptação e encenação: **Ricardo Acácio**

Com: **Gabriella Oliveira, Filipa Neves, João Neves, Diogo Duarte, Nuno Vasco, Ricardo Acácio, Vera Gonçalves, Catarina Silva, Catarina Pereira, Dina Carrega, Filipa Branco, Irina Abrantes, Rute Passos, Sabrina Brezolin**

Caraterização: **Nádia Sousa**

Duração estimada: 60 min.

Após o confronto dos dois filhos de Édipo, Etéocles e Polinices, que morreram às mãos um do outro numa luta pelo trono de Tebas, Creonte sobe ao poder. O seu primeiro édito diz respeito aos rituais fúnebres dos dois Labdácidas. Foi promulgado que Etéocles receberia todos os rituais devidos aos mortos e aos deuses. Quanto a Polinices, foi declarado que o seu corpo ficaria sem sepulcro, entregue às aves de rapina. Antígona rebelar-se contra a vontade do novo soberano e é condenada à morte. Esta tragédia reflete o conflito entre as leis divinas, encarnadas em Antígona, e as leis humanas, determinadas pelo arbítrio de Creonte.

El grito de la arpía,

Celia Rodríguez García

Casa da Escrita

13 setembro | 18:00 | ENTRADA LIVRE



ilustração: Mario García Concejo

Os relatos convertem-se em história. Revivemos os mortos, cultuamos heróis e criamos monstros. Criaturas fantásticas nascem e morrem entre as nossas histórias. No entanto, todas elas têm um segredo. As harpias — as filhas de Electra e Taumante, as torturadoras de Fineu, as portadoras do castigo divino, as bestas do tártaro — foram no seu tempo criaturas belas, lindas mulheres aladas de brilhantes cabelos. Fomos nós que as deformámos, que convertemos as suas mãos em garras, que cravámos penas no seu peito e destorcemos as suas vozes em chiados. Fomos nós que as convertemos em monstros. «Do mito da harpia parte a nossa investigação dramática, na qual exploraremos a necessidade de transcendência em paralelo à desmontagem do monstro. Uma viagem do mito ao humano, da mulher ao monstro».

Celia Rodríguez García é finalista da licenciatura em artes dramáticas (ramo de encenação e dramaturgia) da Escuela Superior de Arte Dramático de Castilla y León. É dramaturga residente na edição 2021 do FESTEIA, ao abrigo do programa Erasmus+ da Comissão Europeia.

Serena

Cristiana Nogueira

Casa da Escrita

14 setembro | 18:00 | ENTRADA LIVRE



Mulheres consideradas sedutoras foram constantemente associadas, ao longo dos séculos, como fonte de ruína e desgraça. Por conta disto, foram silenciadas e sofreram uma série de violências para se enquadrarem a um padrão de comportamento. Serena é uma performance que traz estas questões à tona a partir do episódio de Odisseu e as sereias, presente na Odisseia.

Cristiana Nogueira (Rio de Janeiro, 1976) é performer, artista visual, produtora cultural e professora do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. Atualmente é doutoranda em Arte Contemporânea no Colégio das Artes, na Universidade de Coimbra. Tem participado de exposições e residências artísticas na Europa e na América Latina, além de coordenar diversas iniciativas como o laboratório de investigação prática *crueza ou inventário de um erotismo coletivo*, apoiado pelo TAGV/ LIPA/Colégio das Artes em 2020 e o projeto de residência artística e exposição *habitar-se | coabitar-nos* na galeria de arte d'A Camponeza, integrado na XXIII Semana Cultural da Universidade de Coimbra em 2021. Organiza o Festival *Corpus Urbis* e coordena os projetos *Performance na Praça* e *Performance no Pátio*.

<https://www.cristiananogueira.com>

@guarliz

A Psicose de Fedra, de Carlos Jesus

Coletivo Coimbra-B

Teatro de Bolso do TEUC

18 setembro | 19:00 | ENTRADA LIVRE



Foto: Vítor Garcia

Com: **Catarina Martins**

Texto, encenação e cenografia: **Carlos Jesus**

Assistente de encenação: **Celia Rodríguez García**

Movimento: **Ana Seíça Carvalho**

Iluminação: **Chayanna Ferreira**

Fotografia e multimédia: **Vítor Garcia**

Duração estimada: 70 min.

Mais do que uma reescrita, *A Psicose de Fedra* pretende ser um tributo a Sarah Kane, ela que leu e entendeu bem a Fedra de Séneca, talvez porque sentia por dentro e por fora as chagas, as feridas e as visões de sangue da Fedra romana. Fedra é a impossibilidade, o desejo contido que se revela assassino, mesmo quando o crime não chega nunca a concretizar-se. O desejo que também mata quando é vivido. O desejo que mata. Ponto final. Também por isso a nossa Fedra se chama Sarah, e é para Sarah, para Sarah Kane, que no seu brevíssimo teatro, e sobretudo em *Psicose 4.48*, nos deixou a mais explícita descrição de um mundo noturno de monstros e fantasmas que atormenta o indivíduo psicótico. No cenário tão simples quanto cru de um consultório psiquiátrico, poucos meses antes do desenlace fatal que, como Kane, impôs a si própria, Sarah (Castelar) vai tornando presentes as memórias da sua história pessoal; uma história não de loucura, mas de enlouquecer, forjada à imagem do mito clássico revivido na high society portuguesa dos anos 90. Uma experiência sobre o género do teatro in-her-face, um monólogo que tem na patologia psicótica o fundamento da sua própria estrutura dramática.

Medeia

Kamala Teatro

Teatro de Bolso do TEUC

25 e 26 setembro | 19:00 | ENTRADA 5€



Dramaturgia: : **adaptação livre de *Beira-mar Saqueada – Medeiamaterial – Paisagem com Argonautas*, de Heiner Müller; com textos de Artaud, Afonso Cruz e Andreia Moreira**

Encenação: **Jessica Walker**

Interpretação, cenografia e guarda-roupa: **Andreia Moreira**

Música: ***Sin and Restitution, Future World Music***

Duração estimada: 50 min.

Em pleno cenário de guerra, encontramos Jasão com os seus mortos, ou o que resta de um homem que se compromete com a ambição a qualquer preço. Não importa quantos caíam, Creonte. Ainda que entre eles se encontrem Medeia e os filhos de ambos, por um segundo casamento com a jovem filha do rei Creonte. Contudo, a guerra que se trava vai muito além da queda de corpos inertes, e revela-se a mais implacável de todas, já que se trava no interior de nós próprios. Se Jasão atraiçoa Medeia e os seus filhos devido à sua sede de poder, Medeia atraiçoa-se a ela própria e a tudo o que lhe é caro devido à sua sede de amor. Esta é a sua tragédia, a que a levará a matar os seus próprios filhos, e, a nós, por sua vez, a refletir sobre o que é o amor, a fé, o que é ser humano neste mundo e, em conclusão, a alma humana.

FESTEIA XXII

Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico 2021

reservas (para todos os espetáculos)
pelo email festeia.classico@gmail.com
(informar nome e telefone)



CECH

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E ROMÂNTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I+D+D financiada por
FCT
Projeto PTDC/CI1401/2019



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

